

VOZES DO MATO

Esmeraldo Lopes

Esmeraldo Lopes, 1992

Capa: A. C Coelho (Coelhão)

Impresso originalmente na Gráfica Gutenberg

TODOS OS DIREIROS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio para fins comerciais ou uso público sem a autorização, por escrito, do autor.

G635v Lopes, Esmeraldo, 1954

Vozes do Mato/Esmeraldo Lopes

Juazeiro: [s.e], 1992

93 p.

1. LITERATURA BRASILEIRA – MEMÓRIAS. I. Título

CDU 869.0(81)-94

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado às Almas dos Vaqueiros e aos Caboclos do Mato, a Amaranto, Bruno e Giovanna, filhos e esposa, Luizinho, meu pai, à memória de Anita, minha mãe, à minha tia Cilá, irmãos, sobrinhos e a todos aqueles que viveram ou vivem no campo ou a ele estão ligados.

Apresentação.

VOZES DO MATO é parte da memória de um tempo. É uma memória em memória de todos aqueles que a fizeram: os já finados e os que ainda respiram neste mundo. Seu objetivo é tão-somente registrar parte daquilo que foi e o que o vento do tempo parece querer nos esconder; servir como instrumento de memorização para aqueles que, de alguma forma, entraram em contato com esse tempo ou o vivenciaram; fazer chegar ao jovem descendente do homem do campo alguns aspectos da vida de seus ancestrais e, eventualmente, fornecer pistas a quem se interesse pelo pensamento e estilo de vida do caatingueiro. A estes se dirige.

Divide-se VOZES DO MATO em três partes: “**Coisas daqui**” reporta-se a uma época onde as ingerências do mundo exterior eram quase inexistentes (anos 40 a 60); “**Coisas que vêm de longe**” tenta a bordar o impacto de alguns elementos do mundo exterior, na vida da caatinga (meados da década de 60, início da década de 70) e “**Progresso**” pretende colocar em discussão a localização do caatingueiro e da caatinga no atual contexto histórico. A repetição e a monotonia dos textos que compõem suas partes, mais do que um estilo, retrata o ser e agir da vida na caatinga: nosso limite. Acredito, no entanto, que tais textos poderão trazer alguma contribuição e estímulo para que nossa gente comece a debruçar-se sobre si, a se entender melhor e, até, trazer à luz outros tantos aspectos aqui não tocados ou mesmo redimensionar os já tratados.

A realização do presente trabalho foi impulsionada por dois motivos: um de caráter histórico, de redescoberta de identidade e de auto-afirmação cultural (1975); outro, de natureza emocional, em um momento difícil de minha vida (1986). Esses dois motivos influenciaram o trabalho em todo o seu percurso e deram sua tônica. Vozes e visões surgiram do tempo de longe, futucando as brenhas do passado, querendo dar ferroadas, chicotadas e esporadas em um presente incerto e que, mesmo assim, descortina-se em futuro.

Saudosismo? Não fez parte de minha intenção. Cecília Meireles já nos ensinou que “não se pode resgatar uma tradição interrompida... e repeti-lo seria fazer perdurar um texto ininteligível, mal copiado sem nenhuma eficácia. Letra disforme e espírito perdido”.

Esmeraldo Lopes
Curaçá/Juazeiro – Outubro de 1990.

SUMÁRIO

COISAS DAQUI

O Terreiro	
O Moirão	
Os Homens e os Bichos	
O Sustento da Vida	
O Ajuntamento	
Os Donos	
A Feira	
Vozes do Mato	
A Soleira da Porteira	
O Choro do Gado	
A Cacimba	
Os Enjeitados	
Vaqueiro	
Beiradeiro	
As Doenças	
A Reza	
As Almas dos Vaqueiros	
Boi Ideado	
A Missa	
Carta do Menino Matuto	

COISAS QUE VÊM DE LONGE

O Estudo	
O Rádio	
Os Homens de Longe	
O Banco	
“Os Paulistas”	
Os Remédios	
As Leis	
A Cebola	
Os Sinais do Fim dos Tempos	

PROGRESSO

Irrigação	
Aporrinhção	
Os Padres	
Progresso	

COISAS DAQUI

O TERREIRO

Os pedaços de pau gemem na fogueira. As línguas de fogo se mexem sacudidas pelo vento que, vagarosamente, vai soprando, espantando parte do calor e jogando nas paredes e cercas as sombras dançantes das pessoas cansadas.

Ao redor do fogo crianças, velhos e moços sentados ou deitados sobre pedras, toros de madeira, peles e esteiras. Uns falam mansamente enquanto outros ouvem com atenção. As estórias se sucedem umas às outras. Quando o silêncio acontece nunca é por falta de assunto. Pode ser um momento de volta ao passado ou uma parada para a identificação de qualquer som ou vulto estranho ao ambiente. Os adultos e entre estes os mais velhos, por normal, são sempre os donos da palavra. E a palavra corta a monotonia da noite e se confunde com o berro dos animais, com o badalar dos chocalhos e com o coaxar das rãs e dos sapos. Mas, soberanamente, impõe-se a palavra sobre a noite e enche de temor, esperanças e prazer as cabeças dos ouvintes. A depender da estória, até o contador se arrepia.

As estórias versam sobre a origem e o fim dos tempos, na versão cabocla da Bíblia: ... "até dois mil, a dois mil e um não chegará". Assim Nossa Senhora fala, pela boca de um idoso da roda, ao despedir-se desse mundo, no início dos tempos. Os juízos dos velhos, dos moços e das crianças ficham cheios de temor: ano dois mil, estamos próximos ao fim e contra o fogo não haverá barca de Noé capaz de garantir a salvação. Outras muitas estórias sobre outros assuntos esperando sua vez.

A caiçora, temível dona do mato, não perdoa os caçadores displicentes que esquecem de lhe ofertar um pedaço de fumo: espanta as caças, espanca os caçadores até os limites do suportável e ainda por cima, os faz ficar "variados" por um bom pedaço de tempo.

Na galeria do terreiro desfilam também as traquinagens de Pedro Malazarte, Cancão de Fogo, Vecente o Rei dos Ladrões, fatos heróicos de Joãozinho-Acaba-Mundo, as estrepolias do macaco, da raposa, a sabedoria do sabiá e as preseçadas de muitos e muitos animais e homens que se plantam na cabeça cabocla de nossa gente.

Todas as estórias são ouvidas com atenção. As expressões do rosto dos ouvintes é que variam, a depender do assunto. Na medida em que as estórias vão se sucedendo, a fogueira vai baixando, o vento frio chegando e os olhos de todos pesando.

O sono faz dormir primeiramente as crianças que são embaladas por aquelas vozes, ora tristes ora alegres, ora tenebrosas, ora mansas. E ainda no cochilar, as crianças resistem ao sono, para ouvir, até o fim, a estória que se conta.

Na madrugada, que pode ser nove ou dez horas, as vozes se calam e aos adultos sobra a tarefa de levar, uma a uma, as crianças para dentro de casa. É o momento do recolhimento geral. Durante o dia o terreiro se transforma. Passa a ser um local de trabalho que não se presta a estórias. "Quem conta estória de dia cria rabo", dizem os adultos. Celas, cavalos, jumentos, pás, alavancas, este o cenário diurno do terreiro. O único sinal que denuncia o ambiente noturno é a cinza da fogueira que levemente é carregada pelo vento.

Quando o sol se põe na direção de seu esconderijo, o truvo se faz presente. O cenário novamente se recompõe: cabras chegando no amalhador, o som de chocalhos, a cantiga da mãe-da-lua e dos bichos pequenos que habitam as caatingas. As almas sorrateiramente vão saindo de seus esconderijos para invadir o espaço que, na clareza do sol, é quase só dos viventes. Ainda alguns labutam com o criatório, quando algum dos meninos prepara e acende a fogueira.

Quando o fogo pega na lenha, a claridade espanta o truvo do terreiro e o vulto dos viventes que chegam toma forma humana na medida em que se aproxima da luz. E tudo começa de novo.

O lobisomem é um personagem horrorizante mas quase sempre presente. E o homem que batia na mãe e que, por isso, quando morreu, virou serpente! Essa arrepia. Os mais novos até mijam na roupa, com medo de se retirar do claro da fogueira, pois sabem que as almas estão acoradas ali pertinho. As estórias de boi "ideado" despertam grande entusiasmo e atenção. Se referem a bois que vaqueiro nenhum consegue pegar. São enfeitiçados. Raciocinam e se encantam. Derrubar um boi "ideado" é tarefa que poucos se atrevem a tentar, porque, quase sempre, ou morre o cavalo ou morre o vaqueiro.

Nas conversas noturnas desfilam também os nossos antepassados. A história de nossos avós, de nossos bisavós, de pessoas que não mais existem e que são sempre tratadas de "finadas". Umas são exaltadas por sua honra; outras condenadas por seus defeitos. Fala-se também de um passado remoto do qual não se tem um conhecimento apurado: o tempo dos caboclos. "Os caboclos são brabos, os caboclos usam flecha, os caboclos escutam à distância, encostando o ouvido no chão"... Não existe uma história dos caboclos, assim como não existe uma história dos finados.

O presente também tem seu lugar no terreiro. "O padre que chegou na cidade", "a briga que houve na festa", "a carestia da feira", "a estrada que o governo vai mandar fazer", "a devassidão do povo", "a moça que foi bulida"...

No clarão da fogueira, caboclos, animais, finados, almas e viventes se confundem com as fisionomias dos presentes, com as sombras, com os objetos e com os ruídos que vêm do truvo. É como se o passado se chegasse ao presente e o presente ao passado.

O MOIRÃO

O direito da lei do certo, os homens sabendo e procedendo no caminho da reteza. O preparo dos homens, a verdade, a vergonha. Desonestidade, descarração, o povo condena, excomunga, desterra. Todo mundo no dito certo da história. Os pais controlam os filhos; ensinam-lhes os caminhos; os velhos olham os mais novos; os parentes se vigiam; os mortos ensinam aos vivos e todo mundo se apruma no passo do mesmo seguir.

O nome diz quem é o homem. Os homens se agarram ao nome. O nome é a história da família de cada um. Cada um tem que cumprir a lei da história do nome. O homem sem nome é que nem enjeitado: ninguém dá pelo zelo da honra. Não se mancha o nome da família de “homem”. No terreiro, no “campo”, na mesa e em todo lugar, os velhos falam da necessidade de respeito e ensinam o proceder da guarda da honra do nome. A família todinha. Sermão em pedacinho, todo dia, todo dia. Se alguém pular fora, ai, ai!

No mundo da vida do povo daqui, tudo tem seu dono. Ninguém pode achar nada. Tudo tem dono. O objeto no mato, o animal sem sinal, o dinheiro rolando no chão tem dono com certeza.

- Menino que “acha” muito tá treinando pra ladrão!

O roubo é um horror que não se pode tolerar. Faltar com a verdade é o caminho da perdição. Desrespeito aos mais velhos dá castigo, zoada e surra. Mexer com as mocinhas de família?! Eu, hem!

A palavra é perigosa. Falar o que não se deve é complicado demais. O povo procura comprovação, se não for verdade.... ai, ai.

Honestidade, responsabilidade, obediência, verdade: isso direto. Não adianta esconder as coisas erradas. O cão de rabo abanando é doido pra ver alguém fazer burragem. O negócio é danado.

Todo mundo cuida de todos. O bem tem que reinar. Por aqui é assim: os que morreram vivem nos que vivem e os que começam a vier têm que viver como os que já vivem, como os que morreram.

- Ouviram?!

OS HOMENS E OS BICHOS

Os bichos são brutos do mato, salvos do pecado e inocentes. Não sabem de nada, mas sabem de tudo, andam guiados por Deus. Deus criou tudo. Os bichos inocentes, os homens pecadores. Os homens não são inocentes; criaturas de razão têm que fazer procedência nas regras do Criador. Os homens, os bichos e o mato, tudo foi feito por Deus.

O homem não pode deixar o bicho morrer à míngua, outro homem ficar por merecer o tratamento da gratidão nem o mato ser judiado sem a devida precisão. Tudo é assim, com sua lei própria da existência: nada sem mais e nada sem menos. Cada qual em seu cada qual e um com o outro e tudo em um. O vivente de alma tem que saber ser gente. Agir no certo e proceder no mandamento de não se negar ao dever da obrigação humana: não negar ao semelhante o atendimento no desespero, a ajuda na precisão, o favor sem alegação e o oferecer por obrigação. Tudo tem que estar dentro dos conformes dos modos. Os modos do bom andamento da felicidade da vida.

- “Não se pode deixar bicho bruto cum sede. Pode ser do inimigo, o bicho é inocente. Um bicho cum bicheira tem que ser curado. É faci! Pá, pá, pá, noss rasto dle, três vês, cum coração de curação. Pronto! Os bichos da bicheira cai tudim, nun fica um, pra contar história”.

No dever da caridade é que se encontra a gratidão. Não fazer conta das coisas e fazer as obras de acudir o que está em agonia.

- “Não ser usuravi e sempre dividí um pouco do que se tem com um ou outro mais de perto”.

Os homens daqui vivem com os homens, com os bichos e no mato. Vivem no bruto da labuta da dureza da caatinga com a seca, na falteza das coisas e na felicidade com a fatura da chuva. Todos aqui sabem quem são, se consideram e não se negam em dizer a verdade da história da vida. Todo mundo aqui habita no mundo da labuta do mato.

- Luxo? Às vezes num dia de alegria: casamento, reza, festança de forró. Fora disso, a simpleza dos panos remendados que encobrem as vergonhas. Alguns são mais de posse, têm casa de adobo, com ladrilho no chão. O resto é de taipa, com cama isidora e esteira de palha e, às vez, rede vinda de longe. Todo mundo é assim: uns mais, outros menos. O importante de tudo é barriga farta, sem tripa vazia.

Aqui no mato a vida é do jeito do mato, do jeito dos bichos, do jeito dos homens que vivem no mato.

O SUSTENTO DA VIDA

A seca, o verde, o sol, a terra, o mato. Os bichos, a gente. A gente labuta, fazendo os meios de vida com os recursos das posses de cada um. Quem tem vive do seu e quem não tem, tapeia no dos outros, enfrentando tudo que aparecer. É assim: os fortes, os fracos e os mais ou menos de posse. Mas todo mundo dá um jeito de viver nos conformes dos costumes. Quem de todo nada tem, trabalho no ganho por dia, tem uma rocinha, umas galinhas, uma semente de criação e o mato todo para tirar o sustento da vida.

Os fortes, os mais ou menos de vida se sustentam e se misturam no mesmo futucar das coisas, se adjutorando em tudo por tudo. Se batem de ombro no mesmo serviço em parilha. Todo mundo tem voz no palpar assunto do conhecimento, sem distinção de posse. Dentro das diferenças das posses se arranja um meio de se igualar. O forte batiza o filho do fraco e, mesmo não sendo parentes, passa a se ter nos respeitos de grande consideração.

A fraqueza da vida? Ah... à vezes alguém cai. Mas quando o povo descobre, cuida logo de acudir. Um ajeita uma coisa, outro providencia uma ajuda e, assim, ninguém fica à mingua, morrendo de precisão. Que morre gente, isso morre. Mas só morre quando Deus quer. Ajudar os necessitados faz parte do dever. A vida vai se levando.

Gente preguiçosa tem pouco valor. O povo todo fica logo soltando as conversas de mundo afora. Quem não tem coragem de trabalhar só se casa se for com quem não tiver juízo certo. Viver do esforço de outros não dá futuro nesse meio, não. Gente preguiçosa, mentirosa e covarde só presta para fazer a gente rir.

Ricos? Lá, lá na rua, no prosear das calçadas tem. São poucos, mas vivem no folgar da vida, botando vaqueirice pra cuidar do criatório. Ficam lá, esperando pelo governo. Não gostam da vida da labuta, não. Gostam é de lordeza, conforto, comida boa... Esse negócio de roupa bonita e macarrão todo dia não é coisa de quem labuta. No tipo de vida que a gente tem, não cabe enfeite, nem de barriga, nem de embelezamento. Só tem lugar para decência. Quem inventa de imitar os ricos da rua só faz é acabar o criatório e cair na pindaíba.

O AJUNTAMENTO

Os trovões pipocam estrondando o mundo. Os relâmpagos faíscam ligeiro, por todos os lados, abrindo clarões, assustando a gente. As lagoas começam a ficar cheias e os sapos, logo, logo, começam a zoar. Os pés de pau acordam do sono seco da seca. A babugens nascem com força, no chão. O mato está ficando verde. Os riachos roncam e roncam forte. As seriemas cantam. São as primeiras águas. Tudo se alegra, o mundo sorri.

As ovelhas se agoniam. Sentem o cheiro do mato de longe. Arribam aos magotes, fugindo das vistas da gente. De cabeça baixa, ganham o mundo, em um subir sem descer, vão-se indo até onde que o mundo for. E o mundo é um mundo! Na gulodice da fome canina da seca, as bichinhas andam e, no andar, vão comendo as babugenzinhas no chão. De boca cheia, berram um berro diferente daquele berro pidão, do tempo da seca. Mas... e se o tempo minguar? A coisa aí... nem é bom pensar. A sede, a fome, a reira... Vai ser uma morredeira, um berreiro veio fraco e triste, entristecendo o silêncio do mato de folhas murchas, amarelas, morrendo no chão.

- Quem manda elas arriba?

As ovelhas são inocentes. Elas não sabem, nem mesmo a gente, com precisão, como é que o tempo vai ser. Ovelha é bicho de instinto nojento, não se apega a nenhum lugar.

- Ovêia num tem pasto.

O pior de tudo é que, se o tempo desandar, as ovelhas nunca voltam pela decisão do seu próprio caminhar. Ovelha não tem dono, o dono é que tem ovelha. Ovelha é assim: tem sina de retirante.

O tempo não se arretira. As águas caem, correm e continuam a rolar.

Os criadores não podem descuidar. Uma vez que as ovelhas estão arribando, na alegria do tempo bom, é bom começar logo as providências para evitar o sumiço, botando limite nas andanças dos magotes arribados. Não toleram saber que seus rebanhos berram em pastos distantes. Sabem que as ovelhas somem. Os vaqueiros se combinam, marcam ajuntamento, determinam os lugares. Marcam os pastos das redondezas de cada lugar.

O ajuntamento começa. Os de cá, os de lá, os de longe, os de perto, todo mundo trata de dar campos nas ovelhas. No mato, os magotes são arreunidos e tocados para o chiqueiro. Os gritos saem de vários lados: erra! chiqueiro! chiqueiro! pchi! pchi! ôooo... Todo mundo vai chegando, tocando os magotes de todo lugar. A poeira levantam do chão das estradas no piso lerdo dos magotes quase cansados de andar e de berra.

O chiqueiro é grande, mas logo começa a ficar entupido. O berreiro das ovelhas toma conta do mundo. Os filhos se perdem das mães e as mães se perdem dos filhos. Os borreguinhos se aperreiam, afogados na confusão de tanto bicho apertado. A poeira do esterco voa no ar e a gente no meio tosse, sua, se coça e espira, andando pelo chiqueiro.

As mulheres batem panelas na cozinha, no parreio de cuidar do de comer e do de beber, para toda a homaiada. Serviceira sem fim. A homaiada, no terreiro, ajeita os animais tirando –lhes os arreios, levando-os para o peador. Com um edaço de tempo. Só se vê é homem escanchando-se sobre peles, selas, bancos, nos apreparos da dormida.

O galo canta. A barra da madrugada sai. O chiqueiro está calmo. A labuta recomeça. Tem vaqueiro de toda fazenda, de perto, de longe também. O campo está todo batido. O ajuntamento está feito.

Começa a repartição. As ovelhas agoniadas se afogam na poeira do chiqueiro cheio. Elas vão sendo trazidas, aos poucos, do chiqueiro grande para os chiqueiros de repartição.

- Pega aquela ali. Ela é da Cacimba, ói o carimbo!
- Aquela é do Mocambo, ói lá o sinal!

De uma a uma, as ovelhas são separadas pelo sinal e pelo carimbo de cada fazenda. O carimbo e o sinal dizem o lugar. O berreiro zoa no mundo, de todo canto do chiqueiro. E o chiqueiro fica grande de novo. No folgar da apartação, sobram borregos pela falta das mães. Esses não têm mais jeito. Irão mesmo virar enjeitados, por causa das mães perdidas no meio da confusão de tanto bicho igual.

- Quem quer criar enjeitado?

Não tem teima e nem dúvida. É todo mundo camarada. Os bichos sem mãe e sem dono têm decisão resolvida desde muito antes de aparecerem.

O sol bate forte. O suor da gente se mistura com o estrume, no ar. Pelo cheiro, não se sabe quem é gente e quem é bicho. Está todo mundo aperriado.

As ovelhas estão todas repartidas. Quem veio leva as ovelhas de quem não veio, no dever de entregar aos donos, por grande obrigação de direito e na responsabilidade do tudo certo, da nação do povo daqui.

É hora da retirada. Um vaqueiro se prepara na porteira do chiqueiro se despedindo dos que ainda ficam. As ovelhas espinam porteira a fora, enquanto o vaqueiro faz a arrumação e as toca na direção certa da estrada do seu lugar. Vagarosamente, somem no meio do mato. Outro vaqueiro toma lugar, ao lado da porteira, e, assim, vai.

No fim de tudo, tudo termina ficando só nós e as ovelhas daqui mesmo. A poeira se assenta, o berreiro diminui. À gente sobra o trabalhadeira da pastoração, todo dia, dessas bichas desgramadas que não querem se apegar ao lugar.

OS DONOS

A terra está toda demarcada, conforme o dito dos mais velhos e as marcações da natureza: o toco, a árvore, o riacho, o serrote, a lagoa, a várzea, a pedra..., nas caatingas daqui e dacolá. Muitos são os donos. Cada qual no cada seu cada qual, com seus direitos e com seus respeitos. A terra está aí. É chão e chão por toda a fazenda. Cada fazenda é cheia de fazendas e ainda sobra é muito chão. Todo mundo ocupa terra. Terra comprada, terra herdada, terra de ocupação permitida e terra de posse natural, de acordo com o direito da família. Qualquer filho de dono de terra comprada, herdada ou de direito de posse natural, pode situar o chão de qualquer lugar da fazenda, todinha. Só tem é que respeitar as redondezas das benfeitorias dos outros.

- A terra dá pra todo mundo, ainda mais nós que somos tudo os mermo.

Está tudo delimitado nos ditos dos idosos conhecidos e atestados pelos mais velhos do lugar. Tem o que contestar? Tá, lá, tá lá e lá. O que é, é, e é. O que não é, não é e não é. Não tem quem faça ser, sem ser. Somente quem está variado teima em querer fazer ser o que não é.

- O Toco-Preto é aqui, a curva do Riacho do Gato é ali, o Serrote tá acolá e, no outro lado da maiada, tá a Baraúna-Grande.

Quem vai duvidar, se está tudo nos pinos? Mas... assim mesmo, existem dúvidas, teimas e discussões. Aí... é preciso reunir os velhos pra ouvir, matutar, recordar os ditos idosos, olhar, conversar e, no final de tudo, fazer a compreensão.

Os bichos, os costumes, a gente, não há o que se estranhar. Tem que ter compreensão. A terra está aí. Os bichos andam por todos os lados. Comem onde acharem melhor. Se quiserem arribar, arribam. Com eles não tem esse negócio de divisas de fazenda, não.

As ovelhas então! Estas baixam a cabeça e lá se vão por esse mundo sem porteira. O sinal, o carimbo, o ferro nos bichos é que dizem de quem são. Todo mundo sabe disso.

- Pega no alêio?! Vige! Quem qué mancha o nome da família, com nome de ladrão? Ave Maria, isso é desgraça terrivi!

O criatório anda solto, pastando por todo lugar. Todo bicho tem dono, se não tem sinal ou ferro, é preciso investigar. Mas que tem dono, ah... isso tem. Só não tem dono os bichos do mato, “as coisas de Deus Pai Criador”. O que nasce da terra e por conta da terra vive, como os bichos do mato, não pode ser usado de qualquer jeito. Caçar? Só por necessidade. Derrubar pau sem necessidade é uma judiação. Não pode, é coisa de gente perversa, “Deus é pai de todos”. O pai de família é como Deus dentro dela. Tem que botar respeito em tudo por tudo. Tudo que é família é comandada pelo pai. Veja o criatório, está todinho assinado. Um bicho é de um, outro é de outro e assim vai. Mas os filhos não mandam, não. Só se casar, aí tem direito de mandar no que é seu. Enquanto estiver na casa do pai, não manda, aí só o sinal é que é do filho. Na hora de vender uma criação ou matar para comer, só se olha o sinal para saber se pertence mesmo à família. O dono, o filho, a mãe, não dão palpite, não.

- O que muleque?! Você já viu, aqui, ninguém anda com essa prosa? Aqui é tudo de todo mundo, cabra! Quando você vai cume, óia pra sinal, hem?!

O povo é conhecido, a terra é conhecida, os direitos são reconhecidos.

- Cerca as terra? Mode quê? Isso é coisa de gente ariada. A terra é de Deus. Nós só tem a graça de usar ela. Nós num pode sair acabando com o mundo, não. Isso num pode. Ninguém pode, a gente só pode usar, pra nós e pra nosso fio.

Onde já se viu cercar terras quando se tem todo o mundo para os bichos andarem? As fazendas não precisam de cercas, não. De cerca mesmo, basta a do curra, a da cacimba, a dos chiqueiros, a do cercado de palma e a da roça. Por que mais? Só se o sujeito for usurável. Se fizer isso, tem empatação.

A terra está aí, por esse mundo. É preciso cercar só um pedaço para a plantação: milho, abóbora, melancia, feijão, algodão...

Aqui no mato desses lugares é assim: as pessoas só são donas do que são.

A FEIRA

Os passarinhos começam a fazer alvorada. A barra do dia clareia. O animal amarrado no pau do terreiro é arriado: bride, pele, sela peitoral. Alforjes, cochinil e a pele da criação amarrada na garupa. Esporas nos pés, chicote na mão, montaria em prumo, toma-se o caminho da rua. A estrada estirada, cheia de curcuiados com altos e baixos, mais parece uma cobra andando. O mato está verde.

O caminho é comprido. Quando menos se espera, sai gente do mato.

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Bença!
- Para sempre Deus seja Louvado! Deus lhe abençoe.

Mais gente e mais gente se chega na estrada. Uns na frente outros atrás, de cavalo, de jegue e de burro, animal de todo jeito, seguem em fileira no rumo da feira. As conversas são muitas: a lagoa que ainda tem água, a vaca com bicheira, a égua parida, o preço da criação vendida. Aqui e ali, de uma vereda ou de outra, mais um se mete no grupo que vai.

- Adeus, minha gente. Como vai vamicês!

A zoada do passo dos animais e o trincar dos arreios mistura-se com o barulho das conversas. Que povo que conversa! E o povo conversa até que chega à rua.

As ruas da rua estão cheias de gente, como no mato em dia de festa. Gente subindo, gente descendo, gente conversando, gente bebendo. Alforjes atravessados pelas costas, sacos pendurados pelos ombros, trouxas e mochilas nas mãos, pedaços de toicim amarrados em barbantes, pendurados pelos dedos. Mulheres e homens caminham apressados, rugindo os couros nos pés, rua acima, rua abaixo, procurando resolver logo tudo. Todo lugar da rua é tomado por gente da caatinga.

Os beiradeiros também disputam as ruas da rua. De logo se percebe, pelo jeito diferente: abóboras, batatas, peixes, chapéus-de-palha, calças arregaçadas, chinelos salga-bunda e, nas mãos e ombros, sacos e bocapis.

Na mistura de beiradeiros e caatingueiros, aqui e ali, pequenas rodas de gente se foram. Uns de pé, outros acorados trocam informações ligeiras: a carestia, o animal sumido, a briga, a moça bulida, o furto cometido... As rodas de conversa se acabam e começam, toda hora, os assuntos são sempre os mesmos e os boatos andam ligeiro.

Os armazéns e o mercado estão entupidos de gente. Os feirantes fazem a feira. Vendem o que trouxeram e compram o que vieram buscar. Andando pelo meio das coisas, experimentado a qualidade dos mantimentos.

- Farinha só se conhece mermo é pelo gosto.

E as mãos vão açoitando farinha pela boca e trazendo os caroços de feijão para perto da vista.

A agonia do sol vai fazendo o povo se aquetar. Todo mundo já está com a feira quase feita. Depois de mais um pouco, são se retirando.

- Adeus home, como vai a fãmia, tudo bem? Dê lembrança a meu afiado.

No final do dia, a rua fica deserta. Só nos bares, algumas conversas dos cachaceiros resistem. Os bagunceiros sempre ficam procurando arrelia.

Os meninos ficam atentos, esperando a feira chegar. Quando ouvem o barulho dos animais, correm logo para ver o que veio. Arrodeiam os alforjes e ficam de olho duro

esperando os bombons. Não tem nada de bombom. Vão logo dormir com a garganta enrolada. Não se interessam mais nem pelas conversas da feira.

VOZES DO MATO

O serrote, todo o dia está lá. As árvores, todos os dias tem seus galhos, secos ou verdes, sacudidos pelo vento. O pé do serrote tem umbuzeiro, umburana, aroeira, caatingueira, angico, marmeleiro, malvas, baraúnas, muitas outras árvores e zuum, zuum... Ao meio dia e à tardinha de todo dia: hora assombrosa no coração dos meninos. Tem também o badalar dos chocalhos, berros, urros e "rinchar" dos animais: cabras, gado, jumentos, cavalos, outros. Tem o canto dos pássaros, o gemido de ema, a alegria da seriema, zunidos de bichos miúdos: cigarras, moscas, marimbondos. Tem a zoada das galhas se grosando, mexidas pelo vento. Tem formigas apressadas andando pelo chão, rastro de cobra e de raposa. Tem silêncio, calor, alegria, tristeza, medo e coragem. Ossadas de bichos, no mato tem. Mato do lobisomem, das almas penitentes, do baticum dos caboclos-do-mato e dos viventes. Barulho de mato. O mato tem vozes. Elas entram pelos ouvidos, batem na pele, arrepiam, trazem esperança, dão firmeza e também receio. As vozes do mato não são claras. São misturadas com o barulho do silêncio e da zoada que vem, que nasce e que existe ali no meio do mato.

- Menino, menino, aprenda as rezas!

Rezas que curam bicheiras de animas, que amarram cobras, que afugentam ou confortam as almas, que fazem os perdidos se acharem. Rezas fortes que tudo podem, com as graças da Virgem Maria, de São Jorge, das Almas dos Vaqueiros, de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai de todos nós, de Santa Luzia e de todos os Santos, ao lado de Deus. Deus todo-poderoso que tudo faz e a tudo guia com seus benditos e supremos poderes.

- Menino, menino aprenda a rezar, para se livrar do mal e dos malfeitores!

- "Senhor São Benedito, água benta, Jesus Cristo no altar, pegue esse bicho ruim e leve para lá".

Quem anda no mato tem que conhecer seus mistérios, seus segredos. Saber ler no chão, no tempo, nas árvores e nos animais, para ver o que vai acontecer.

De repente: zurupuctum, bum bum bum, rurupuctum, tum tum tum...

- É barulho dos caboclos-do-mato. Três Ave Maria, cinco Pai Nosso, oração de São Sebastião.

O rosário é o guia.

- Cruz em Credo, Ave Maria...

Caboclo brabo, povo do mato que aqui existia. Existia, não existe mais. Acabaram-se, mudaram-se há muito tempo. Agora só as Almas vagueiam no lugar onde antes viviam. Povo diferente, brabo, cheio de estripulia. Eram enterrados em aribés, não plantavam, não criavam, não vestiam: viviam como bichos.

- Ali devia ser um cemitério de caboclo-do-mato. Mais na frente tem uma fuma de caboclo brabo.

- Menino, menino, caboclo brabo tem alma no mato. O mato é do caboclo brabo!
- João de Zé é parente de caboclo brabo, não vê desconfiado? Sim!... Ele é danado, não tem medo do mato e sabe das coisas, só no olhar... O João do Zé? Ora, veja! Ele sabe até mostrar lugar que tem água debaixo do chão!
- Esse cabra tem jeito acaboclado. Beiço grosso, olho aceso, tem jeito de manso, mas é desconfiado. Êta cabra, danado!

E ninguém quer saber para onde foram ou que fim tiveram os caboclos brabos?

- Se acabaram, não existem mais!

Caboclo brabo vagueia no mato, perdido no tempo e achado no lugar.

Cambaleando, anda sem rumo, à procura de um rumo sem saber onde está.

Caboclo do mato escutava longe. Com o ouvido no chão, ouvia passos e conversas de longe. Com um búzio no ouvido, ouvia as vozes do passado, do presente e do futuro - a tudo adivinhava.

Caboclo brabo conhecia os paus, os bichos e tudo do mato. No mato vivia, do mato comia, com o mato se curava. Agora, só tem as Almas dos caboclos-do-mato.

Menino assustado anda no mato com medo do caboclo brabo. Assustado, reza e se arrepia.

Menino cresceu.

Caboclo brabo: olhos castanhos, cabelos pretos, desconfiado, conhecia o mato e fazia rurupuctum, bum bum bum, zurupuctum. Conhecia o mato, nele vivia, de pouco ou nada se vestia.

Menino cresceu. Se olhou, se olhou. Pensou, pensou e gritou: - "Eu sou o caboclo-do-mato". Caboclo-do-mato nem se mudou e nem morreu, caboclo-do-mato sou eu. Não teve mais medo nem do mato nem do zurupuctum, bum bum bum.

A SOLEIRA DA PORTEIRA

- Ê vaca bonita, ê... Ô toro manso ê... Esterlina! Esterlina!
- Mon., mon..
- Me, mêeee...

De um lado para o outro, dentro do curra, os bezerros levantam do chão o pó do estrume e aitchim! Aitchim! de cima da soleira da porteira.

Na boca da noite, vozes ouvem-se.

- Num deixe ninguém saltar a purtêra. Dá aza.

O gado anda seu andar descansado. O touro então! Esse é o mais sem pressa no andar.

- Benza Deus!, mais esses bichos tão mermo é bunito!
- Chega pra perto Rajadinha, êêêêê....Mariposa! Meia Lua!
- Moonn, moonn

Os bezerros se agoniam.

- Chiqueiro , chiqueiro bode. Anda peste! Ôooo... chiqueiro, chiqueiro...

- Blengendem, blengendem, blengendem, blom, blom, lengendem.

As vacas chegando.

- Sai da frente trepeça, como é que tu qué que a vaca entre se tu tá na frente, ôche!

O barulho de tudo no terreiro: chocalhos, passos, berros de gado, budejos dos bodes, berros de cabritos, pisadas de cavalos e jumentos, latidos, converseiros, zoada de dentro de casa, xororó de sapo, tudo.

- Orelheira, Orellheira!

- Moonn...

Os bezerros mamam e mamam. Depois chilep, chilep, com as línguas em uma lambiçãõ completa, por todo lado do corpo das mães. Gado é abençoado. É bom ter curral perto de casa. Onde tem curral é difícil ter visagem.

- Pra lá bezerro, vamo!

Os bezerros se escondem, fogem do jeito que podem, mas, no final acabam sendo separados das mães. O curral fica calmo.

A fogueira já está acesa e...

- Os imbigõ de meus minino foro interrado tudo aí nesse curral.

Logo cedinho as latas batem, o arreador estala, bicho por todo lado berrados. Na porteira do curral, o zupir da vaca de leite bom. Olhos na cerca e...

- Achei! Esta casca é milhó qui a sua bestãõ. A minha é de caatingueira e a sua é de pereiro, amarga.

- Quem come zupi com culé, vira mulé, ra, ra, ra, ri.

Vap, vap, vap, até acabar tudo.

Leite tirado. As vacas chilep, chilep, chilep nos bezerros. Os bezerros: chop, chop, chop nos peitos das vacas.

- Pra lá bezrro! Estrelinha, anda rajada!

Uma a uma as vacas são soltas para o mato. De vez em quando um berro e uma olhada para trás e somem.

- Pererê, pererê, pererê.

Os meninos nos cavalos de pau, tocandos os bezerros para o comedõr.

- Levem até lá, viu! Botem eles no comedõr, sinãõ as vacas vãõ se encontr com eles e, de tarde, num vêm pro curral.

- -Pererê, pererê... Ô boi!

- Merda! Num sei por que a gente num pode tê calça comprida. Bom mermo é ser grande. Deixe eu crescer, qui é pra vê!

O CHORO DO GADO

As vacas vãõ que vãõ lerdamente enfileiradas pela estrada. Na beira da estrada a cascavel, escondida, lambisgava as língua pelo ar, faiscando horror pelos olhos e sacudindo o

A CACIMBA

As galhas das baraúnas, angicos, juazeiros e aroeiras ampara o sol Debaixo delas uma esteira de sombra protege o criatório todo da fazenda. Meio dia, hora de sede, hora de sol tremendo na terra, hora de espera no pé da porteira da fonte. Água salgada e regradada. Os bichos removem caroços, bagaços de capim seco e esticam os olhos na estrada, sentindo cheiro de água. A água lá embaixo, no fundo da cacimba, salgada, mijada de mijo de sapo. É pouca mas não se acaba. Vem das veias da terra.

- Rum, rum, rum, fiiil, fiiil...

Os animais se levantam e tomam o pé da porteira. Ficam só olhando a lata subir, zoar e descer. A água começa a cheirar mais e mais. O bebedouro vai ficando cheio. O suor aos pingos chovendo, a água subindo, a mão doendo, o corpo cansado, o sol tinindo e os bichos chegando e chegando, berrando e berrando, a porteira subindo.

A porteira é aberta, os bichos se espremem. Agoniados de sede, nem ligam para a gente. Vão correndo beber e beber. Olho nos bichos no exame de cada um, um por um: ver se não tem bicheira, ver sinal ver ferro, em tudo por tudo saber quem veio e quem precisa de mais cuidado e atenção.

A vaca bebe demais. Está sem coragem de subir a ladeira da fonte. A água deu na fraqueza. Também... não tem estilo. Só sobe se for futucada com vara. Os bichos já beberam, todos. Corpo cansado, sentados nos paus da porteira, olhando os bichos se irem, levantando a poeira do chão. Matuta a vida. Acorda, se mexe de novo. Encher o bebedouro outra vez.

- A vida num sussega. Êta servicinho nojento, parece que nunca se acaba. É qui nem cantiga de cigarra!

A cacimba fica só com os sapos e o canto dos passarinhos.

OS ENJEITADOS

Me, meer, umr, umr de manhã logo cedo. Os cabritos espiritam-se em um berreiro de doer.

- Bitinho, bitinho, vem bitinho...

- Mé, mé, mé, méeee, umrr.

- Cada um por sua vez. Sai pra lá, diacho!

Cabritos e borregos impirriados na hora de mamar. Abanam tanto o rabo que só faltam perde-los.

- Chup, chup, vupt.

Os bichos mamando.

- Você já mamou, sai pra lá, desgraça! Sai!

A gulodice dos enjeitados é grande, que, se deixar, não tem mamadeira que chegue. Se não tomar cuidado morrem empanturrados.

Os meninos pegam esses bichos e fazem deles brinquedo, alisam, carregam nos braços, chamam de “meu fiinho...” Quando menos se espera, olho os bichos agoniados! Os meninos dizem que são bois brabos e tipuf, só se vê os bichos berrando e rolando pelo chão.

Enjeitado aparreia. Fica sempre atrás de alguém, futuca nas pernas, pisa nos pés, derruba as coisas que estão baixas. Não dá sossego a ninguém.

Coisa de agoniar mesmo é fazer um “serviço de latrina no mato”, com enjeitado por perto. Os meninos! Nem se fala, passam o tempo quase todo com eles. De repente quando descuidam, os enjeitados vlupto, chupt na pata de um. O cabrinha se encolhe todo, mete as mãos no meio das pernas e dana a chorar.

- Ói, ói! Eu acho é bom. Quem manda vivê nu?

E isso dá jeito? Os meninos são nus, direto. E não é por falta de pano, não. Cada um tem dois calções.

Os enjeitados sofrem muito. Querem sempre alguma coisa que ninguém pode lhes dar. Os bichinhos vivem assim tomando pesadas dos adultos, coceiras e quedas dos meninos. Não têm mãe, esse é o melhor lugar. Já pensou no mato? Os carcarás estão lá doidos pelas línguas deles, os gatos-do-mato acham bom e as moscas-varejeira, no umbigo, põem varejeiras que viram bicho!

Os bichos não têm pecado, mas tem bicho que sofre como gente que tem pecado. Assim são os enjeitados, que de mãe viva ou morta, ficam abandonados.

- Tá pensando que meu filho é enjeitado! Tem pai e mãe, viu! Cuidado!

No mês de abril é preciso ter atenção. A criação sai por aí prenha ou já parida, andando por todo lado. No céu os carcarás voam, assuntando, no chão, algum bichinho sem mãe. É preciso levar a criação prenha ou parida para o cercado. Com gente por perto carcará fica desconfiado.

Por falar em parição, uma história. Era um vez um pai e dois filhos. Nesse tempo de criação parida, iam sempre para o mato, atrás delas, para trazerem até o chiqueiro. O pai e o filho mais velho iam a cavalo, o filho mais novo ia montando em um jegue. Em um dia assim foi: o pai, na frente, com o filho mais velho, montado a cavalo e o filho mais novo, atrás, montado em um jegue, arreado com cangalha e caçuás. O menino achava ruim ir no jegue e, ainda pior, no meio da carga. Que tristeza! Queria mesmo era cavalo. Jegue não dava graça, além do mais, em cima de carga? Mas não tinha jeito. Em cima do jegue ia sonhando, sonhando com cavalo, cavalo bonito, cavalo alazão, cavalo bom de pegação. Assim se foram, até que chegaram no lugar para onde iam. Pararam e escutaram.

- As cabras tão pra li, ói! Que chocalho é aquele?

- Fique aí menino, apeie do jegue e fique debaixo daquele pé de pau. Quando eu chamá vá pro lado do grito.

O menino ficou ali. Enquanto o grito não vinha começou a juntar pedrinhas, pedaços de pau e a fazer currais e chiqueiros de invenção. As formigas nem queriam saber, saiam mesmo do chiqueiro. Pá, pá, pá, nas bichinhas

- Tome danada! Num qué fica presa, pois tome!

Quando o grito zoou no mundo foi aquela correria. O menino montou ligeiro no jegue e saiu. Foi para o lado do grito. Quando chegou lá o pai foi dizendo: “Bote esses cabritos nos caçuá que eu vou levar a mãe deles pra junto das outras criação”. O menino fez o serviço. Os cabritos, mé, mé, bê, dentro dos caçuás. Daí a pouco, de novo.

-Óooooo, aqui! Anda pra cáaaaa!

O menino encabeçou o jegue para lá. Os cabritos nos caçuás berravam e o menino se agoniava, para não deixar os bichos saltarem. Quando chegou no lugar que o pai

estava, viu uma coisa triste de se ver. Uma cabra estava morta, já inchada, e um cabrito berrando e cheirando a mãe estirada. Todo mundo ficou triste. A mãe estava morta e o cabritinho sem mãe. O menino olhou, olhou... pensou... “Era bom se pudesse fazer a cabra viver de novo”. Pegou o cabrito apertando e beijando. O cabrito ficou com medo.

- Foi cobra, bicha desgraçada! Só sendo mesmo cria do diabo, estas peste.

O cabrito foi levado para o caçua. O menino não se cansava de passar a mão na pele dele e ele berrava. Era um berro muito triste. Todo mundo resolveu voltar para cãs.

Quando chegaram em casa o menino desmontou e logo, logo, leite no cabrito, coceira no cabrito e o cabrito, brabo, não queria era nada, só berrava.

O menino não conseguia esquecer daquele cabrito. Os dias se iam e o mesmo chamego. Queria até que o cabrito dormisse na rede com ele, a mão é que não deixava.

- Cabrito dorme é com outros cabritos, menino!

O tempo passou, o cabrito cresceu e foi para o mato virar pai-de-chiqueiro. O menino cresce, como sempre sonhara e começou a virar vaqueiro e já montava em um cavalo alazão, bom de pegação.

VAQUEIRO

Homem de olho vivo, firme, desconfiado; corpo duro, ligeiro, esbelto e forte, seguro, apumado; ouvido bom de escutar, que sabe saber de quem é o chocalho e conhece o barulho de qualquer bicho e coisa do mato. Homem que não erra o rumo do lugar certo e sabe como proceder, em qualquer situação encontrada. Sabe ler as coisas no chão, nos paus, nos bichos. Conhece os sinais do tempo, pelo jeito que eles têm. Pode ser branco, preto, acaboclado, baixo, alto, não importa o tom de voz, nem se cuida só do que é seu ou se trabalha por partilha. Vaqueiro é de um jeito só: do jeito que tem que ser. Não tem medo de serviço, não tolera ver bicho nenhum sofrer. Enfrenta dia, passa fome, sede, chuva, xinga, canta, e abóia na tristeza e na alegria da caatinga. Vaqueiro que não é assim não é vaqueiro, nem que tenha os couros, cavalo e tudo.

Vaqueiro conhece seu campo, seus bichos, também sua gente e sabe o trato certo do costume do lugar. Tem seus trajes e orgulhos, zela a honra e o dever. Em qualquer situação, sempre está de chapéu-de-couro, sapato e facão. Andando a pé ou amontado, tem um ar todo de seu. No mato e em qualquer lugar, quando um magote de vaqueiro anda encourado, logo se pensa, de impressão, que a gente está vendo um batalhão.

Homem encourado, sem ser vaqueiro, fica parecendo armação do diabo. Quando entra no mato, se amofina, se engancha em qualquer pau. Se perde e perde os bichos campeados. Não controla a montaria. Fica doido, envergonhado.

Vaqueiro não é apenas um homem, não. Para ser vaqueiro, é preciso muita coisa. É preciso ter coragem, ser valente e ser honesto. Vaqueiro que é vaqueiro não foge, nem dos paus nem de cavalo, nem de bicho brabo.

Animação! Isso tem nos momentos próprios de diversão e também misturado no meio da labuta.

Vida de vaqueiro é vida de labuta, é coisa para gente de vida bruta.

BEIRADEIRO

O rio, a vazante, os peixes, a enxada, a canoa, a plantação, a zoadada do vento nas palhas das carnaubeira, os mofumbos, os bichos do rio.

Olho lerdo, voz mansa, andar desengonçado, corpo pesado, um jeito calmo de pensar. O beiradeiro se parece com o rio, não sabe viver longe dele. Vive nele, no subir e descer das águas, se plantando em suas beiras, na direção que ele vem, na direção que ele vai.

O peixe, nos conformes do tempo: caborje, piranha, mandin, pacomon, mantrinçã, acari, surubim... A terra que a enchente molhou, a vazante boa de plantação: abóbora, batata, mandioca, milho, feijão... Homem nenhum plantou marizeiro, juazeiro, genipapeiro, pé de jatobá. Carnaubeira...

O beiradeiro se vira na vida com as coisas que o rio trás. As coisas que o rio não dá, faz das coisas do rio... Pesca, faz coisas de palha, pega preás, camaleão... faz plantação. Se leva na vida, vivendo... esperando, esperando o passo que o rio vai dar.

O homem que vive na beira tem uma vida, um jeito próprio de viver. Vive na água, na lama, NA ROÇA. Planta, pesca. Chapéu-de-palha, chinelo no pé, faca na cintura. Caminhando, remando, se levando de calças arregaçadas. Andanças pra longe só se for dever de devoção. Vive em volta da casa sem planejar andança longe. De manhãzinha, madrugada, se enrola em cobertor para olhar no tempo, o passo que o rio vai dar.

Nego d'Água? Existe sim senhor. O rio tem mistério e é bom a creditar. Feitiço, praga, mau-olhado... é bom se prevenir. Rezar uma reza bem rezada, ter devoção por santo forte, caminhar em procissão, dançar as danças de marujo, de caboclo...

Tudo isto faz evitar os encostos maus.

Cantigas, assobios, estórias, festas adorações. O rio assunta tudo que o beiradeiro faz. Segue em marcha lenta se levando, sem parar. Se enfurece, assusta, castiga sem perdão desprezo por seus mistérios. O beiradeiro encolhe, reza e reza em penitência, pelos pecados cometidos, com medo da punição, das forças que o rio tem. E vive vida mansa, se parecendo com o rio.

AS DOENÇAS

O vivente vive a vida na sujeição do perigo d doença. É preciso vigiar, guardar o corpo da imprudência, repousar o tempo certa d comida, sem comer o que faz mal, nem andar no vento com coisa quente na barriga. Banho? No tempo certo da comida assentar, no esfriamento do corpo. Fechar o corpo pra coisa ruim não entrar, que o mundo está cheio do que não presta. Guardar os dias santos, evitar atraso de praga jogada, cuidar contra feitiço botado, proteger as coisas de gente do olho rúim. Proceder nos cuidados do que dizer, do que fazer, do ser, sem dar encosto a espírito rúim. O vivente que zela por si, vive assim.

Na doença, no aperreio... as curas estão aí. Tomar pílula-contra, fazer os preparados na medida certa da doença conhecida e é só tomar, só ou na mistura das rezas ou

mesmo reza só. Cada caso é como é. Ficar no aguardo do tempo de resguardo, para a doença desaparecer. Isto é, se for doença do corpo! Se for doença do espírito, aí o negócio é outro. Tem que tomar providência, procurar gente forte de catimbó.

Os bichos... os bichinhos inocentes padecem das contingências da vida, no azar das doenças tidas e da inveja de gente do pensamento mau. É preciso cuidar. Botar proteção no chiqueiro, no curra, fazer as rezas apropriadas, os abençãos no pasto. Curar as biceheiras dos bichos com reza no rastro. Doença do corpo dos bichos tem tratamento devido, os santos remédios do mato. É que nem Deus pôr a mão. Bosta de gado para ferida, mijo de gente para a frieira dos pés, azeite doce para junta inchada. Casca de pau, tem muita que serve para tudo.

É preciso a gente se cuidar.

A REZA

O dia já está comentado. A reza vai ser uma novena. Uma novena é uma reza boa, porque não é uma vez só. O povo de perto esperou o dia da reza até que o dia chegou.

A mãe do Menino Jesus foi botada ali, do lado da porta, arrudiada de flores do mato e de jardim. A toalha branca cobriu a feiúra da mesinha véia, capenga, da Santa. A mãe Virgem está assim triste de piedade de nossos pecados.

O povo está chegando. Vem gente dali daquele lado, do outro e também dacolá. Os animais vão sendo amarrando ali no pé de pereiro, na baraúna e na cerca do curral. Ficam agoniados com os mosquitos em um abanar de rabo e bater de pé, direto.

– Bença madrinha... Adeus pra todos.

A Santa, ali, no altar, só fica vigiando, para ver quem não lhe dá os cumprimentos. Um sinal da cruz pelo menos. Bom mesmo é uma Ave Maria, um Credo e os sinceros respeitos de uma reza ajoelhada.

No terreiro, dentro de casa, prosas são travadas enquanto a vez da reza não chega.

Chegou a hora.

- Ave Maria cheia de graça...
- Creio eu Deus Pai...
- Pelas Almas dos Vaqueiros...
- Pelas chagas de Nosso Senhor.
- Pelos sofredores do mundo.
- Pelas Almas do Purgatório.
- Todos os Santos, santa Luzia, São Lázaro, São Cosme, São Damião e todos os Santos.
- Que o mal esteja pra sempre longe de nós.
- Amém.

Depois de cada um ter se intrometido em si mesmo, revendo os atos maus, merecedores de penitência e perdão, todos estão leves e agradecidos. Deus presente com certeza.

- Que Deus me perdoe, Senhor, pelos meus pecados praticados e pensados.

A reza protege os homens dos pecados, das penitências de depois da morte, do purgatório e do inferno. Mas... e as desavenças da vida? Só o respeito de todos para com todos. Deus é o guia.

A casa está abençoada. O respeito marca o ambiente e mesmo as armas penduradas no corpo de muita gente presente não é para afrontar ninguém. A Santa e todo mundo sabe disso. Os que não têm arma tem outras armas.

- Não cumpade. Num posso aceitar desfeita nem comigo e nem com minha família. Em minha honra... nesta, eu duvido, comigo vivo, ser manchada.
- É, nisto vamicê tem razão, sabe? Eu também cacho isso dever de home. O home, cumpade, tem quer ser assim.
- Ô cumpade, tu viu que desgraceira? Tão novinh... Essa morte vai te vingança!
- É cumade, esse negócio tá meio rúim. Vai ter mais desmantelo. Deus é grande, cumade!

A Santa ainda está lá. Ouve tudo e ninguém esconde nada dela. Ela nem se assusta.

Quem mata no dever da honra, não comete pecado. Quem suja a honra dos outros sai dos caminhos divinos: tem que pagar. Quem não quer ser molestado, não molesta.

A reza do dia já se acabou, e o povo está no fuá das conversas. A mocidade fica se olhando. Alguma moça, para algum rapaz, algum rapaz para alguma moça, acanhados de vergonha e vontade.

- Êta bichinha dengosa, aquela ali. Já pensou, ela na garupa de meu cavalo? Rum!
- Fale baixo, rapaiz, os irmão dela tão aí. Os cabra são brabos.

A dona da casa está feliz com o sucedido. Todo mundo rezou. Está todo mundo conversando e não ocorreu nenhuma arerelia. As orações estão valendo. A reza foi forte. Mas essas coisas só se sabe mesmo é depois que tudo está terminado e ainda falta o leilão.

- O prato tá coberto. O que tem nele é uma bonita coisa de comê, de se vê ou se guarda. Também pode servir de presente. Atenção! Dô-lhe uma... Quem dé mais vai leva.

O rapaz encostado na cerca do curral se movimenta. O outro, aquele, lá na porta, está interessado. Ninguém pode ficar por baixo, afinal quem levar, vai ser falado e olhado. Está cheio de moça.

- Dô-lhe uma. Dô-lhe duas...

O rapaz da porta arrematou. Pagou um dinheirão. Descobriu o prato: flores, muitas flores. O rapz está surpreso. Parece que não gostou. O que vai fazer? Olha e vê uma das moças olhando para ele.

- Tome estas flô, são pra você.

A moça está meio sem graça, mas fica alegre, nos qui-quis com as camaradas. O leilão continua com outra coisa.

A lua já está alta. É hora de todo mundo ir embora e começam a ir. Tudo corre em paz. Na estrada, o movimento continua no converseiro de quem volta para casa. Os donos da casa da reza, lá atrás, agora estão a sós com a Santa.

AS ALMAS DOS VAQUEIROS

O mato, o terreiro. A noite, o dia, a tadezinha. Os homens, os bichos. A vida, a morte. Os tempos: a seca, o verde. Os mistérios do mundo.

As pessoas caminham no seu caminhar incerto, inseguras das certezas dos viventes que vivem nesta vida. Os vultos no mato, nos cantos da casa, as vozes que vêm não sei de onde. As almas penitentes rogando, nos sonhos ou na clareza do dia: “pague minha dívida”, “mande rezar uma missa”, “arranque o dinheiro”... As almas de bem não chegam com estripulia. Só pedem o favor do cumprimento da dívida não cumprida em vida. Feito isso, sossegam, agradecem. As almas do mal, não. Estas não dão sossego, gostam mesmo é de arrelia: jogam pedra, assustam animais, detestam reza.

Os santos são bons guias. Afugentam coisas ruins, nos livram da perdição, na hora da agonia, de desespero, de tormenta!

- Valei-me São Benedito!

No chamado do santo, tudo que é ruim se espanta. Santo quer reza organizada de terço, novena, altar bonito. Tem pano bordado na roupa, tem cara de denço. É cheio de piedade.

As Almas dos Vaqueiros... As Almas dos Vaqueiros gostam de reza. Gostam também de alumiação. Nas quartas-feiras e nas segundas-feiras a gente acende uma velinha para elas. Quando o fogo da vela alumia, elas vão chegando, arrudiando e ficam olhando, apreciando a luzinha, caladas, tristes, pensando... Umam ficam acoradas, outras assuntam a luz “de pés” mesmo, e ainda ficam algumas outras montadas em seus cavalos. E ficam ali penitentes, pensando, até a luz se acabar. As Almas dos Vaqueiros não são que nem santo, não. Elas carregam tudo: os couros, guiada, faca, chicote, espero, serrotes e outras coisas mais. Toda vez que um vaqueiro morre, sua alma vai se juntar ao batalhão. Não importa se cometeu pecado. Quando chega lá, vai logo receber a orientação. Vivem vagueando, retirantes, pelo mundo, direto procurando trabalho de proteção. Na hora da dificuldade! Elas chegam todas de vez aqui, oh... arrudiando, prontas, esperando o chamado. Com as Almas dos Vaqueiros não têm complicação nem impedimento de lugar, é só acreditar. Não tenha medo. Elas não são de estripulia. Estão com a gente, direto, sem nenhum se afastar. Quem é filho de vaqueiro e que não tem vergonha disso, também quem com elas se apegam, sempre tem segura guarnição.

As Almas dos Vaqueiros têm muita saudade desta vida. Ficam sempre com a gente, auxiliando na labuta. São almas de gente sofrida, não querem ver ninguém sofrer. Só querem mesmo continuar junto, adjutorando a gente que vive sofrida. Têm cara machucada, o altar é mesmo o mato e a consideração que querem é o respeito de uma reza sincera. As Almas dos Vaqueiros são fortes. São assim.

BOI IDEADO

Boi ideado é bicho danado. Pensa que nem gente sabida. Vaqueiro nenhum pega boi ideado. O bicho engana todo mundo e ainda leva o resto do gado. Quem ideou o boi ideado?

Boi ideado foi ideado com reza, reza braba de gente atrasada de catimbó. Pensa que nem gente, o bicho tem pacto com o diabo.

- Já morreu vaqueiro que quis pega ele. Eu que vou?... Vou nada, deixe ele lá encantado.

O bicho danado lá no mato fica encantado. Só se vê é barulho dele zanzando, mas ele só se aparece para quem quer a na hora que quer. É uma pena que seja ideado. Se não fosse amaldiçoado, daria era dinheiro. O bicho está é erado!

No mato que tem boi ideado, até cachorro se mija. Eu hem!

- Derrubar boi ideado? Rum! Ah, isso faz não! Ele faz é vadiá com a gente. Aparece e desaparece. E, ainda, quando ele cisma, quem se atreve, morre enganchado nos paus ou morre enfiado nas pontas do bicho zangado.

O boi ideado fica no mato afrontando os cachorros bons de mato. Os cabras bons de mato ficam engasgados, só pensando em um meio de pegar o bicho danado. Para se pegar o bicho ideado, só tem um jeito: é tirar o espírito espiritado de dentro dele. Aí está a dúvida do negócio; a luta é contra o diabo. Só rezador de reza forte pode ter coragem de enfrentar o desgramado.

Rezador de reza forte, capaz de espantar mau olhado, capaz de afugentar espírito rúim, que se vira em toco, pedra e pau, que faz soldado se perder e bala derreter., que faça uma reza forte danada, para tirar o espírito e desidear o boi ideado e desencabular a vaqueirada.

A MISSA

Deus. A vida, a glória eterna. Salvação dos viventes. O seguir dos caminhos sagrados. Vida no céu.

Padre. Homem de palavra santa, aconselha nos exemplos. A tentação, o padre espanta. Homem santo, labuta contra o inferno, limpa a alma do povo, benze, confessa, batiza. A vida pura sem pecado. Conhece os mistérios. Tem reza forte. Quem é doido de fazer desfeita? Se jogar uma praga, ai, ai.

A igreja. O asseio em tudo dela. A luzinha vermelha acesa direto. A fumaça cheirosa se espalhando na gente. Os morcegos voando. Lugar de respeito.

A gente na missa. Obediência, respeito, piedade, atenção. Olhos espichados. A gente ouve. O padre fala: o sofrimento, a dor, o respeito, a honestidade, a responsabilidade, a vida, a morte, a vida depois da morte, o inferno, o céu. Os pecados estremecendo na gente. Cristo crucificado, triste, olhando, chora por nós. Ele sabe, vê tudo. Arrependimento, a gente com medo. As moças cantam, cantam cantigas de Deus. O padre abençoa, a gente vai.

CARTA DO MENINO MATUTO

A chuva faz boa a vida nas caatingas. O mato fica verde, os tanques e cacimbas ficam cheios. A água corre sempre nos riachos. Os bichos fiam alegres e a comida da gente fica boa. O tempo de chuva é tempo de coalhada, de leite, de bezerros no curral, de umbu, de alegria. As cabras, no tempo de chuva, vêm para o chiqueiro e as vacas berram forte na malhada. Os

jegues correm doidos no namoro, apaixonados pelo meio do mato e os passarinhos estalam alto no cantar.

À noite tem fogueira alegre no terreiro e estórias para se escutar. Tem sapos no seu ró-ró-ró... Os chocalhos balançando, lentos no pescoço dos animais e os grilos no cri-cri-cri, o tempo todo.

No tempo das chuvas, há o canto alegre da noite que é o barulho todo que tudo junto faz. Nesse tempo, as almas ficam mais mansas e quase não metem medo de arrepiar.

O tempo de verde é bom, alegre. Era bom que todo tempo fosse tempo de verde.

O tempo de verde é a vida do mato, do homem, dos animais, dos pássaros e da terra. Nesse tempo os homens trabalham mais e o trabalho rende mais. Plantam um caroço de milho, dele nasce um pé de milho e o pé de milho dá espiga com muitos caroços. É assim também com a melancia, com o feijão, com a abóbora e com tudo.

O tempo de ver é bom. Os meninos fazem barquinhos com pau de umburana, catam os cachimbos de flor de mandacaru, nadam nas águas dos riachos, nos ninhos vêm nascer as pombinhas, fazem um bocado de coisas com o barro mole das lagoas, caçam preás, calangos e gostam muito de encontrar uma cobra que é para matar.

No tempo do verde os meninos trabalham também. Mas o trabalho nesse tempo não é ruim. Os meninos cuidam dos cabritos, pastoram as ovelhas, peiam e vão buscar os animais, botam as sementes nas covas, catam umbu, ajudam os pais em um bocadão de coisas.

Como era bom que todo tempo fosse assim.

No tempo de seca a vida nas caatingas é ruim.

O mato fica seco, a terra fica feia, os bichos ficam tristes, as pessoas ficam chatas, os passarinhos cantam pouco e os sapos não zoam.

No tempo da seca a vida fica bem ruim.

Na seca, há um assobio direto que fica timmmmmmmmm. No tempo de seca, é tempo de fome, de farinha seca com rapadura e feijão veio, só com toicim. É tempo de bicho caído, de água pouca e suja. Em tempo assim a gente fica triste, as pessoas ficam com raiva do mundo e rezam mais. O trabalho não adianta, nada se planta e os animais ficam fracos. Tudo a gente tem que salvar. Tem que queimar xiquexique e mandacaru; tem que cortar rama de quixabeira e juazeiro; tem que puxar água na cacimba e tem que fazer uma porção de coisas ruins.

Em tempo assim, a fogueira fica sem graça, as almas ficam mais perto e a gente tem mais medo.

A seca é a alma do verde, é o espantinho da vida.

Eu gostaria que fosse todo tempo sem seca.

COISAS QUE VÊM DE LONGE

O ESTUDO

A labuta dura da vida no mato sem caminho em outra direção. A morte, como no certo, as coisas da gente no sempre e o mundão com tanta novidade nova de ninguém poder mais adivinhar. O estudo... O estudo na rua. Meio sabido do povo saber das coisas de todo lugar e de tudo na vida. Os escritos dos papéis, nos livros, ensinam os conhecimentos, a desembaraçar o juízo. Coisa para gente que tem dom, facilidade para correr os lhos nas letras, conversando as conversas que elas têm. É bonito se vê um cabra escorregar o lápis no papel, sem engancho. Não é para todo mundo, não.

Os meninos nas escolas lá na rua. Conhecer os caminhos da vida civilizada, os modos da educação fina de gente delicada. A professora ensina tudo na maior dedicação, alumiando o juiz\o. saber falar, ler, escrever, contar e seguir nos adiantamentos dos estudos que nem os filhos dos brancos ricos da rua. Coisa de pai que tem juízo no lugar. Um gasto danado para os filhos não crescerem cegos que nem o povo daqui. É uma herança para eles. Melhor que deixar só criatório, que criatório não dá muito adiantamento na vida. Com estudo é diferente. O cabra vai para o mundo arranjar emprego, botar praça no exército, ficar com os ombros cheios de galão, virar aviador, padre celebrando missa, doutor advogado, até médico curador das doenças do povo. Já pensou? Pensar que estes meninos aqui podem, um dia, ser gente assim? Até dá para imaginar eles chegando aqui dentro de um carro zoadento, conversando conversas bonitas, podendo adjutorar a gente.

Vocês não se metam a besta de querer estranhar a gente! É preciso não esquecerem que quem dá o estudo a vocês é esta labuta e estes bichinhos que berram no mato! Vocês, vocês! Aprendam a se guiar nos caminhos da vida nova, quem sabe o que serão?

Os ricos da rua ficam pensando que a gente não vai conseguir agüentar os estudos dos meninos. Pensam que os meninos só vão ficar no estudo acanhado do ler, escrever e do contar. Não! É assim não. Têm uns bestas no mato que acha burragem este negócio de estudo desenvolvido. Ficam aí só olhando admirandos achando que a gente está bestando, que é coisa sem futuro. É gente atrasada que não vê o sem futuro dessa vida bruta. Criam os filhos cegos, sem saber das coisas. Quando muito, só dão o estudo acanhado do saber ler, do contar e do escrever com dificuldade.

É preciso ter cuidado. A rua é cheia de gente vadia que vive só de pilhéria, nos desandos da vida. Botar a mãe para vigiar os meninos. Cuidar para os cabrinhas não ficarem orgulhosos, com vergonha de trabalho, com vergonha dos pais. Não dá folga no tempo de folga da escola, para eles não esquecerem o caminho da vida da gente. É assim. A rua mete vaidade na cabeça dos meninos.

O RÁDIO

O bicho é diferente de tudo que já se viu. Não se aparenta com nada que existe aqui. Conversa que é uma converseira medonha e um cantarolar danado, sem para. O bicho é animado! Quem nunca viu, não sabe o que é, se assusta quando vê. É conversa toda hora. É só

bater com o dedo no botão que o pau quebra. O bicho é danado! Agora, que tem uma converseira bonita, tem. Fala de tudo; do mundo de todo lugar. O povo, quando pensa que não, fica com os ouvidos apregados, sem dar atenção às coisas, ouvindo as conversas.

O povo está todo inzonando com o rádio. Só se vê é gente desejando comprar um. Também pudera, dá até para fazer festa. Tem gente aí que agora a vida que quer é andar pra cima e pra baixo com um, de casa em casa, fazendo festa. O bicho é bom para a gente ligar no terreiro, apreciando as coisas do mundo, as músicas e as conversas de outros lugares.

O que é ruim do rádio é que ele como muita piula. Mas, na rua os armazéns já têm. Precisa de muito zelo, senão se acaba logo, não é coisa para estilo de vida que nem esse. Cobrir com um paninho, botar em lugar guardado, só pegar na hora certa, com cuidados de mão boa.

OS HOMENS DE LONGE

O carro, os homens, mistério chegando. Olho na gente, olho em tudo, vote! Que espiação! Conversam, dizem, falam bonito. Galegos, morenos, magros, fortes, altos, baixos. Todos no trato do jeito de gente fina. Comer? Com cuidado, cheirando, olhando, refugando a comida. Beber? Nem falar! Tiesconjuro, diabos! Cabras delicados, de passo faceiro, com medo do mato. Um luxo medonho na roupa, nos pés, em tudo que têm. Homens do mundo, de nação longe.

O mundo assustado, o mato espia.

O povo da nação daqui? Se chegando, se chegando, pegando ponga, assuntando tudo, o jeito que os homens têm. Interesse danado! Fazem de um tudo para eles. Mostram cada lugar do lugar. Os homens de longe futucam o mundo, fuçam, medem o mato. Andam, zanzam, assuntam, anotam. Coisa sem futuro que aqui não tem minério. Açude, estrada? Estória de tapeação.

Quem sabe da intenção deles, aqui? Agradam o povo, dão ponga no carro, arranjam serviço, pagam im dinheirão. Esses homens... coisa de governo. Gastação de dinheiro, à toa.

Os homens de fora inventam ilusão. O povo se inzona. Trabalho fácil para a gente, riqueza no lugar, vida leve maneira, conforto, bom viver. Conversa mole saída da boca de gente instruída. Bestas?! Ôxe, confie?!

O BANCO

O comum das coisas do mato perdendo o lugar. Cercado grande de arame, gado de muito longe, bode de orelhão, carneiro parecendo bezerro. O povo: ilusão das novidades vindas de outros lugares. É gente sonhando com ser rico, comprar o mundo, cercar as terras do mundo. É uma inzona danada.

O banco endoidando o povo daqui. Criando incutimento de riqueza, criando umas novidades novas de terra marcada na precisão dos papéis escriturados, botando fiscalização para ver se a palavra dita não é assunto de mentira, sondando de um e de outro a confirmação do afirmado lá na mesa do gerente. O banco não confia em ninguém, é coisa do governo.

O certo mesmo é que essas coisas não vão dar certo. Esses bichos delicados, grandes demais não vão dar certo com os bichos daqui, não vão suportar viver neste tempão judiado. Esses cercados do tamanho do mundo, cercando o mato do mato todo... Onde os bichinhos da gente vão pastar? Mas isso não vai dar certo. Os bichos do banco vão morrer na seca daqui. E aí o que há de ser? O banco vai tomar tudo e gente vai ficar na pindaíba, sem meio de vida. Rum! É tudo ilusão de gente metida a sabida, pensando que o banco é besta. Vamos só ver o fim dessa história.

Os incutidos com o banco não dão atenção ao perigo, ficam querendo meter os outros em confusão, chamando para fiar a palavra na escrita documentada. Isso é um perigo! A gente fica com acanhamento de negar uma coisa dessa a um amigo, mas fica com medo de complicação. Sei não. A gente fica matutando... Onde isso vai parar?

“OS PAULISTAS”

- Mais você já viu! Só se vê é gente indo pro São Paulo. Aduvinha quem tá nessa incutição!
- Incutição? Rum! Incutição nada, ele vai mermo. Inda ontem eu vi o marchante comprando os bichos. Só de criação miúda foi umas quinze cabeça. Ouvi fala que tem dois boi também, pra vende.
- É... pensando bem pode até ele dá sorte por lá. Deus ajude.
- Ói... ele vai pro São Paulo, quando volta vai tá fino. Vem todo cheio de luxo, delicado, com mão de paulista.

O paulista não se agüenta de vexame. Quer logo que chegue o dia. Sonha acordado, pensa: “Já pensou quando eu voltá? Todo mundo vai olhá pra mim. Essas meninas todas em cima de mim e eu... nem te ligo”.

O dia está perto. O paulista sai se despedindo de todo mundo.

- Bença padinho... minha gente, vim me dispidi de vocês.
- Ô meu fio, vai mermo! É... Deus lhe ajude. Nós aqui é que não tem futuro. Vai meu fio, vai tê futuro.

O paulista vai em sua andança de despedida, casa por casa, mão por mão, até todo mundo.

O dia já é amanhã. O paulista já é um paulista. À noite tem festa de despedida.

O forró começa, todo mundo quer estar perto dele. Os amigos querem conversar, beber... As mocinhas ficam doidas para serem apartadas, para dançar com ele. Os mais velhos o olham sem saber direito o que pensam. O paulista conversa, conversa... fica todo gentil..

O dia amanhece. O paulista pega a mala e a coloca dentro de um saco. É hora da partida. A mãe o abraça, chorando agoniada, os irmãos mais novos ficam olhando entalado de

saudade, e o pai observa calado. O paulista monta, olha o povo, meio choroso, futuca o animal e ao dobrar o canto do cercado, acena com a mão e vai-se embora.

O fim do ano está chegando. Todo mundo se prepara.

É preciso fazer os apurados: junta-se a criação e lá se vão os marrãos de cabra e os carneiros de pele. Dinheiro pouco, o suficiente para as festas.

Todo mundo está preparado. Só falta o dia chegar. No clima de festa, ninguém espera. Daí a pouco aparece no caminho, o paulista. Vem cheio de trens. De longe já se ouve a música do rádio. Todo mundo corre ao seu encontro. Um pega a mala, outro a sacola, a mãe chora pegando-lhe o casaco. Ele vai abraçando todo mundo. Apenas o rádio fica em suas mãos.

- Meu fio... pensava que nunca mais ia lhe ver.

O paulista chega em casa. Começa a falar e, pelo falado, de logo se percebe que estava mesmo em São Paulo. Todos ouvem tudo. Ninguém quer perder uma palavra.

- O home tá sabido cumpadre. Falante... êta caba dum chiado danado, vote!

A casa se enche de gente, ligeiro. Os amigos vêm, as mocinhas andam depressa. O sonho se realiza. A turma providencia logo uma festa para a noite: a festa do paulista.

O forró começa. A bebida e tudo o mais é por conta do chegante. Isso é uma obrigação e ele faz questão.

- Tô bem de vida.

Namora com quem quer. É como se fosse um rei.

A festa passa, o fim do ano também.

- Quando vorta pro São Paulo?

- Eu? Não. Eu vou botar um negócio.

Abre um armazém, compra criação. E fica plantado, esperando o negócio crescer.

OS REMÉDIOS

As piulas lá na farmácia da rua. Remédio receitado por doutor. Tratam de tudo que é mal, parece milagre. É tomar e ver. Coisa de muita ciência. O remédio de farmácia quando emburaca garganta adentro vai logo fazendo efeito. Tem uma tal piula de tretec que, conforme dizem, arranca até dente furado, voôte! E os fortificantes?! Dão uma força danada no cabra, chega o sujeito se enche de disposição. Vê aquele povo corado de longe que aparece por aí? É isso, esse povo desde quando nasce vive se fortificando com os fortificantes... cada vozeirão... O rádio fala é muito dos remédios fortes.

O remédio receitado por doutor nem sempre tem efeito na cura, não. Só cura se for doença do corpo. Olhe, se for de espírito, encosto!... O negócio aí é só um: é ir atrás de feiticeiro. Fazer uns banhos no corpo. O feiticeiro passa remédio também, os mesmos do doutor, só que tem uma ciência diferente. O feiticeiro diz: “Tome este remédio tal hora”. Aí faz a combinação com o espírito. Quando chega a hora o espírito chega por ali rebeirando, esperando. Na hora certa, quando você vai tomar o remédio – tem que ser na hora dita pelo feiticeiro! -, o espírito, prum!, entra junto também. É assim. Tem gente que não toma na hora certa, aí não se cura, fica dizendo que o feiticeiro não presta. Se chegar a hora e você não tomar o remédio o

espírito vai embora, cuidar de outras obrigações. É! É preciso compreender, o doutor sabe uma parte, o feiticeiro sabe outra.

Tem gente que não se compreende, quer que os remédios resolvam tudo e quando acabar não se cuida. Assim como é que pode, hém?, me diga? Olhe, tem um sujeito até que não come, é só tomando fortificante para ficar forte e quando não se sente com força fica dizendo que o remédio não presta, ora veja!.

AS LEIS

O juiz, na rua, julga tudo nos acordos dos escritos da lei. Tem a própria decisão no assuntar as teimas do povo. De acordo sejam as coisas do caso, dá o dito tido e conhecido de todos por não dito e toma outra decisão. É homem de muito conhecimento dos assuntos da vida. Sabe tudo na palma da mão.

Se cabra se meter a besta, ele escreve nos papéis e aí a coisa engrossa. Com autoridade não se brinca.

A lei é a Bíblia de juiz. Ele se guia por ela, em tudo por tudo, na vida, até no jeito de caminhar. Quando o bicho anda pela rua, vai botando os olhos pelo mundo, examinando o que vê sem se dar a licença de uma prosa alegre nas calçadas. Trata todo mundo com muita gentileza no sacudir da mão e balançar a cabeça, sem ousadia de muita aproximação. Juiz tem um jeito de todo juiz ser.

Delegado, soldado, tudo é gente de posição. Cuidam da ordem do povo no combate do errado, fazendo as vezes de governo, acabando as arrelias e domando gente de pescoço duro. Autoridade é autoridade! Merece respeito. Primeiro, que tem que ser sério e valente, soldado mofina morre logo ou senão sai escorraçado do lugar.

Autoridade tem que ter respeito. Tem que se respeitar. Precisa proceder no certo, dando o exemplo do dever. Tem que punir quem merecer e dar razão ao certo.

A justiça precisa ser justa para ser obedecida. Justiça desonesta vira meio de confusão.

A CEBOLA

O rio no sono traiçoeiro, os remanso mansos das águas. O beiradeiro, a beira do rio. Vida nova de planta de longe endoidece o povo do rio. O rio fica assustado de tanta gente em toda beira, no subir e descer, em um baticum danado de lata. As carnaubeiras ficam tremendo nas palhas, como nunca se viu. Do alto olham o movimento da limpa da terra, em direção a seus pés. Os juazeiros, as quixabeiras se entristecem com o baticum das latas, com a tremedeira das palhas das carnaubeiras.

Os beiradeiros cantam um canto diferente, de esperança de muito dinheiro no bolso. A cebola é bicha danada para dar dinheiro. Afundam as cabeças de tanto carregar de lata

d'água, molhando a terra na gulodice da cabeça das cebolas crescer. Os meninos correm na roça, sujos de terra, sentido o cheiro cheiroso de veneno.

Os sonhos. Os beiradeiros sonham com roça grande de plantação, com água puxada por motor. É dinheiro muito que custa, mas a cebola vai dar, é só ter sorte. Uma bicicleta, um revólver aniquilado, um rádio porreta, tudo isso, com fé em Deus, cebola vai dar. Os pescoços das mulheres se entortam, os ombros dos homens se afundam, mas a coisa vai até onde o sonho agüentar. E aquece muito. Os beiradeiros fiam alegres com as estórias que chegam da rua. A riqueza corre o mundo e vem. A cebola já veio, a sorte do dinheiro vem. Os meninos ouvem tudo pensando no perto de terem tudo em casa.

O rio chora no silêncio das águas mansas. Quase não se lembram dele. Só vêem suas águas, não vêem mais o Nego d'Água. Estão esquecendo seus mistérios. O rio não vê mais os beiradeiros, só vê ceboleiros. Ele olha as carnaubeiras, vê e sente a angústia angustiada do adeus que elas dão. O rio pensa, tem medo de ficar só. Pensa nos dias que virão. Triste, não quer ser mexido na sua solidão.

OS SINAIS DO FIM DOS TEMPOS

O tempo, as coisas, o povo, a vida? Há diferença no mundo. O mundo como se vê. É tanta coisa que se vê... Antiga data!... Ai, ai era assim não. Era tudo do jeito que era. Agora está tudo mudando, até o tempo está ficando diferente.

O povo atrás de novidades, diferente de antigamente. Onde já se viu filho não obedecer a pai? Pai criar filho desobediente? Está ficando assim. Até roubo aparecendo, “virge!” Também pudera, tem gente querendo só ser. A mocidade aí, pensando em vaidade, lordeza, festança, vendendo os bichinhos que tem, sem o consentimento dos pais, coisa de atrapalhação. Namoros feios extravagantes. Só se ouve é notícia de moça bolida. Contrariação para os pais, o nome da família sujo. Essa mocidade nova... não respeita os mais velhos, é indiferente, tem acanhamento de pedir a benção. Têm uns meninos que têm vergonha de serem filhos de quem são. Os criados nos estudos são os mais ousados. A culpa é dos pais, não dão ligança ao jeito certo de criar, depois, depois! Eu, hem! Crescem tudo mal-criados, no caminho da perdição dos pecados. Já viu como é? O mundo anda cheio de atentanção, não vê as danças? O jeito das mocinhas andarem quase nuas, com os joelhos de fora? Eita mundo...

O povo não se sossega. Antiga data, aqui se nascia, aqui se morria. Agora é gente indo para todo lugar, atrás de melhorar a vida. Vendem os bichinhos todos e vão. Daí a pouco, quando pensa que não, lá se vêm uns. Uns voltam sem nada, outros vêm bem de vida comprando criatório, de novo. Não se seguram mais. Ficam assim em um ir i vir danado. O povo sé quer rua. Está tudo escrito nas Sagradas Escrituras.

A perdição da vida com tanta coisa rúim. Começam a não ligar para as leis de Deus. Senvergonhice, desrespeito, malandragem, mentira, enganação, carestia. O que se compra não presta. É tudo de qualidade inferior. E um tal de comunismo? Aí eu vi. O comunismo vai tomar a mulher dos homens que não têm filho e capar os que têm filhos demais... menino! E também vai tomar as coisas do povo. Tudo isso está aparecendo.

O mato triste. O criatório mingando e mingando. O povo se indo. As fazendas no abandono, as casas caindo, virando torrão. As cercas se acabando, as cacimbas entupindo. O

mato ficando só, tudo voltando a ser cheio de mato. A gente no mato só vendo... ouvindo as histórias velhas, coisa de recordação. Os gritos de gente no mato? Lá um ou outro, sozinho meio sem força, chocalhos poucos tocando e o pasto aí oh, secando sem ser comido. “Muito pasto e pouco rastro”, está dito nas profecias.

A diferença do tempo, o reboiço das coisas, a reviravolta de tudo. A incompreensão do povo, as modernidades chegadas. O mundo anda, o mundo desanda, começa a virar. Os afirmados nas profecias, o dito pela Virgem Maria: “Até dois mil, a dois mil e um não chegará!”. São os sinais do fim dos tempos.

PROGRESSO

IRRIGAÇÃO

As águas. As águas subindo, correndo nos altos. O verde no chão, chão sem pau. Planta, mato miúdo, silêncio. Canto de passarinho? Veneno cheirando, terra molhada. A água sobe, o mato cai, cai... Imbuzeiro, imburana, aroeira, baraúna...

Todo pau domato cai. Terra nua. Trator zoando mato o mato, fuça o chão, faz terra.

A briga com a terra, o zelo com as plantas, o verde no chão. Os bichinhos pulando nas folhas, guerras aos bichinhos. Planta sadia, fruto bonito. Remédio? Veneno! Trabalho na terra, riqueza da terra, terra sem vida.

Irrigação. Trator, veneno, sulco, canteiro, valeta, canal... Tomate, cebola, uva, melancia, melão...

O povo na terra, plantando, molhando, colhendo, mudando. O povo trabalha! Trabalho por dia, todo dia. Povo briguento, desgarrado da vida. Lei? Consideração? Gente daqui, gente do mundo, não se conhece ninguém, estranhos no tudo. Briga, cachaça, matança, jogo, enrolação... Gente séria... sabe que tem?!

Riqueza. O meeiro se esforça, o proprietário arrisca. Esperança! Sorte! Azar? Aventura.

Empresa, japonês, projetos de irrigação. O certo do fruto certo, chuva sem chuva, riqueza, alegria, tristeza.

O mundo sem mato, molhado, rico invadindo o mundo do mato. O mundo do mato, seco, de longe vê o mundo sem mato molhado. Plantação! Plantação! O rio sugado, chupado, tonto, inchado, minguado. Enchente sem chuva, vazante com chuva. Desorientação. Sobradinho. O beiradeiro espremido, desprezado sem vida, no fim, acabado. Criatório? Lá longe no mato de longe... pouquinho. Vaqueiro n roça, na rua. Trabalho por dia, empreita, meação.

Cavalo amarrado, guardado, couros pendurados. Dia de festa. Festa de vaqueiro, corridas de argolinha, vaquejada. Alegria, aboios, encontros, apostas, prêmios. Vaqueiro de diversão. O mato sem boi, cerca no mato, mato sem gente. As roças no mato. O mato estrangeiro, vendido, comprado.

APORRINHAÇÃO

O povo na rua. Gastança, carestia danada. Cerveja, casa bonita, festa, roupa bem feita, televisão, geladeira, comida boa. Vida moderna, luxo... na rua.

O abandono do mato. O criatório minguando. Água, comida, curação de bicheira, doença, cuidado com ladrão, atenção com as crianças, trabalho de campo no pasto. Raras crias se criam. Labuta danada, pouca gente cuidando no mato.

O mato sem gente, os bichos do mato aumentando, mansos, perseguindo o criatório. Carcará voa baixo, sossegado, pousa no terreiro da casa da gente sem gente. Gato-do-mato nos borregos, nos cabritos. Perseguição! Os borreguinhos presos, coro véio enrolado no pescoço, lata veia pendurada também. Tem jeito não. Os cachorros matando a criação. Morcego de bando no mundo todo, a criação furada, o sangue caído no lombo. As moscas de bicheira botando bicho no lombo furados dos bichos, que nunca se viu. Ladrão solto no mato. A gente vai por cá, ele vem por lá, a gente fica aqui, ladrão rouba por ali. Ladrão aqui, ladrão por todo lugar. Bicho que sai, some.

A terra... cuidado, cuidado. Fazer variantes, registrar, tomar cont. Genbte cortando pau, acabando com tudo no mato.

Grileiro de olho, chegando, chegando. Êpa! Terra do mato tem dono! O povo vendendo a terra que tem. Grileiro comprando, invadindo o que não tem. Papel, juiz, soldado, advogado, cartório, o diabo! Questão... Confusão sem fim.

Desgraça no mundo, abandono do mato. Vida na rua. Agonia da gente. Fazer o quê?

OS PADRES

Os padres agora. O jeito, a palavra, o exemplo... Deus? Meu Deus! Reza sem reza. Missa sem valor. Reforma agrária, política, comunidade, acusação, até santa puta é. Se irritam com foguete, odeiam veneração. Promessa?

A igreja sim! Jesus Cristo no altar... Os padres não respeitam. Não têm o caminho da salvação. O diabo solto no mundo. Oração sem padre mesmo, na igreja, em casa.

Na rua, no mato os padres inventam. Negação de batismo... Nossa Senhora!" Missa de finado, casamento... coisa danada!... tanta complicação. Os padres reclamam, brigam, bodejam. O povo arreda à procura de Deus.

PROGRESSO

As estradas, as cruces nas estadas, as cacimbas, os currais, as casas velhas, as malhadas? O mato apagou.

Os canários, as emas, as seriemas, os bem-te-vis, as vozes do povo, os chocalhos tocando... tudo silêncio. O barulho do mato?

As rezas, as devoções, as festas, as conversas no terreiro, o terreiro! O tempo de parição, as brigas duras dos pais, o respeito, a honestidade, a consideração, a amizade do povo... E o boi ideado? Não, tem não.

Os vaqueiros, o gado no campo, fritada, aboio, carreira no mato... zupir na porteira? Os meninos, as mulheres, os homens todos, os velhos, os finados?! Ninguém conhece o mato?! Não. O mato sem alma, mas... respira. Onde se esconderam as almas do mato?

As cercas, variantes por tudo que é lado, desmatamento, o criatório sem pasto, os bichos do mato caçados. O mato cercado.

Barulho no mato: vento nas folhas, nas asas dos urubus, canto da cigarra zoadá de carro.

O mato: irrigação, projetos, trabalho por dia, venda de terra, carro-pipa, trator, comércio de tudo. Gente enriquecendo? Ilusão. Roubo, prostituição, desobediência dos jovens, mal-criação dos meninos, o povo sem respeito. Um povo forasteiro comprando as terras do mato.

O povo daqui... estranho de si, desgarrado, morando na rua. Pouca gente em si, conhecendo, querendo as coisas da vida do mato. O mato na rua, a rua no mato. Os jovens... indiferença, desprezo.... sem querer sentindo... coisa de vaqueiro? Matutice, burragem, atraso. Progresso! O mato escondido aponta, espia, espera.

FIM